



Gaiato



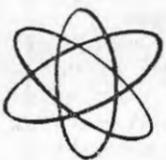
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII — N.º 456 — Preço 1800
2 DE SETEMBRO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



FACETAS DE UMA VIDA

À carta com que fechámos o artigo anterior segue-se outra, datada de 31/Dezembro/22, em que o Américo propõe em Blantyre e Rhodesia de «uma quantidade de bordados que V. tem ahí pelo facto de ter tomado uma casa com o fim de se estabelecer e dos quais quer dispor».

E na mesma carta confirma a dúvida, já formulada em 18/12:

«Plos modos, houve de facto a oportunidade de v/ se estabelecer por conta própria e até chegou a tomar uma casa com seu recheio. Isso mesmo era o que eu depreendia dos primeiros telegramas que me enviou. No meu caso, é possível que para mim fosse mais vantajoso esse passo. Mas vejo que se juntou à casa X e isto, para o seu caso representa, a meu ver, garantias seguras e positivas que no primeiro caso não existiriam. Eu conheço, como v/ também conhece, a «biografia» da casa X e por isso lhe digo que faz bem em ter tomado o lugar que ahí tomou, nas condições em que o fez. Eu percorro, porque não terei as probabilidades que teria no caso de v/ se estabelecer por conta própria, mas isso nada quer dizer.»

«Está ainda de pé a minha ida pelo «Pedro Gomes». Ele vem com 7 dias de atraso, pois ainda só amanhã chega ao Cabo quando já devia estar aqui. Cousas nossas.»

Em 5/1/23 novo telegrama anuncia partida no «Pedro Gomes». E no dia seguinte corrige em carta:

«Hontem expedi um telegrama dizendo «Américo embarco Pedro Gomes» e fi-lo porque o J. A. me disse haver recebido um telegrama seu perguntando a data da minha partida. Eu já há tempos lhe tinha dito, por telegrama também, que seguiria pelo dito vapor. Mas eu acabo agora de chegar de bordo do barco e foi tal a impressão que dele trouxe, que ainda me oferecessem uma passagem grátis eu a aceitaria. Por essa razão, pois, devo largar do Cabo pelo vapor «Balmoral Castle» no dia 26 do corrente.»

(Assim podemos corrigir a notícia dada em «Facetas de uma Vida» publicado no n.º 413 de

9/Janeiro/1960, pois sempre não viajou no «Pedro Gomes», mas sim no «Balmoral Castle».)

A mesma carta de 6/1/23 junta cópias das que escrevera «às pessoas indicadas, com o fim de colocar os bordados que tem em sua posse». E acrescenta: «Eu sou ser bem sucedido e as pessoas são de toda a confiança». Promete ainda enviar £60, que ele julga serem prestáveis ao Amigo na hora de estabelecer em novas bases a sua vida e pede que «lance a crédito da minha conta para consigo esta importância em libras e não em escudos. Eu tenho muito poucas esperanças no ressurgimento dos escudos, mesmo nenhuma, e por isso lhe falo assim».

Em 8/1/23 era expedido do Funchal o já citado telegrama em que o Amigo participava a razão do convite: o próximo desemprego anunciado em tom algo pessimista no «penúltimo parágrafo sua vinte seis Setembro». E o telegrama acrescentava: «...porém sua 18/Dezembro indica situação óptima. Conquanto contrariado aconselho fique impossibilidade garantir situação idêntica. Começo apenas vencimento viver confortavelmente pequenas economias. Telegrafe».

Mas, depois de tantas voltas e reviravoltas, o Américo não revogou a decisão de partir. Não telegrafou e seguiu no «Balmoral Castle».

UMA VISITA

Foi breve, mas muito significativa e doce ao nosso coração.

O curso sacerdotal de Pai Américo, veio até nós em reunião fraterna. Cónego Tomaz Póvoa, Padre António Gomes, Padre Mário Brito, Padre Lourenço de Matos, Padre Simões de Sousa. Faltou Padre Silvestre, de Assafarge. Pai Américo não faltou: Estava ali, à beirinha do Altar onde Mons. Tomaz celebrou o Santo Sacrifício.

Como são sete os padres deste curso e deles só Pai Américo foi que partiu, eu penso que os outros não-de desejar realizar, sempre que se reunirem, o máximo possível da presença de cada um. Por isso, já que Pai Américo não pode ir a outro lado, espero e peço-lhes que de ora em diante seja aqui o lugar de todas as suas reuniões. E mais lhes peço que o programa conte com um bocadinho de demora, que não aquela pressa trazida desta vez.

PATRIMONIO DOS POBRES

«As primeiras faúlhas caíram num lugarejo da freguesia de Paço de Sousa, no mês de Setembro de 1959. Foi a medo. Era uma audácia. Era o inédito.

Designaram-se quatro famílias e na tarde daquele dia, sem convites nem assistência, entravam no que ia ser delas. Estava o acto consumado. Os rapazes vicentinos foram escutados. Os seus pobres confortados. O mundo contente. A Justiça servida. Deus glorificado. Começou o incêndio».

Dez anos vão passados. É uma data. Eu atrevo-me a dizer que é uma data na vida da Nação!

A mim diz-me muito menos as mais de 2.100 casas que se levantaram por esse país além ao longo desta década, do que as consciências que o Património desperdou do sono para os seus deveres sociais.

E no entanto, aquele número é notável, se considerarmos a exiguidade dos recursos e a estreiteza das participações. E é nada diante daquelas 200.000 famílias que um censo de há mais de dez anos revelava carecerem de habitação digna do nome de Lar.

E como haver Família sem um Lar? E como haver Nação sem Famílias? Eu não sei de obra mais urgente do que esta, para os bons costumes da vida nacional. Parece-me que este capítulo habitação, havia de entrar no espirito de todos, Governo e Povo, como algo que não pode ser objecto de especulação co-

mercial. E no entanto é. E nós até sabemos como entram neste jogo Pública responsáveis na Câmara Municipais!

O Património foi, e é, graças a Deus, uma lufada de ar puro, de ar divino, que revivesceu ansiedades latentes nas almas dos de boa vontade e levantou problema aos que usam resolvê-los... fingindo-lhes. Mais. Foi, e é, um grido de provocar santa emulação aos que conhecem o problema e encaram... à secretária e no papel — e tudo permanece tal qual era. E este grido tornou-se eficazmente ouvido, graças a Deus. No Porto, onde depois de tantos anos a falar, se começou a agir, substituindo as velhas «ilhas» por blocos saudáveis, no qual se tem procurado progredir no melhor sentido da economia social, no Porto, dizia, a própria Câmara, pela voz dos seus representantes mais autorizados não engeita a influência de Pai Américo na prioridade que se está dando a esta obra sobre o...

continua na página DOI

Mas ele haverá sítio mais formoso do que o formoso da esta totografia? As linhas harmoniosas e sóbrias da Casa Mãe e do Hospital, no meio de flores e verdura, prendem-nos a este poema de Amor!





PATRIMÔNIO dos Pobres

continuação da página UM

tras, de fachada, com certeza, mais vistosa.

Mas, mais do que nenhum outro, serviço a bem da Nação foi, e é, o já referido despertar das consciências para a urgência do problema habitacional e para o dever de colaboração de cada um no remédio a dar-lhe.

Nós não somos de estatísticas, nem temos elementos para as fazer completamente. Mas, contemos 20 contos por cada casa do Patrimônio (como média nacional, é menos que o valor real!) e multipliquemos por 2.100: São 42 mil contos de prédios com que foi acrescido o Patrimônio material do País. São 2.100 Famílias dignamente abrigadas, a enriquecer o Patrimônio Humano do País. Quem pesa em metal este valor?!

E no entanto o dinheiro e os materiais precisos à construção juntaram-se, dados alegremente, religiosamente, pelo Povo, e, não chega a 10% daquele valor, pelo Estado, quando soou a voz de Cruzada aos quatro ventos.

«A Igreja! A força irresistível da mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem deu o pão. Quem curou feridas? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da história! Vinte séculos não a perderam. Outros tantos não a perderam! A Mãe! É por amor d'Ela que os pobres de Paço de Sousa têm hoje a sua casinha; só por Ela. Não haveria dinheiro que comprasse. Não haveria força que obrigasse nem palavra que convencesse. Nenhum dos que deu daria terreno; mas para a Igreja todos deram! É ela, a Mãe, que veste, que aga-

salha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém».

O Patrimônio dos Pobres *ideia*, a força que move e faz mover é a solução que responde a um dos muitos problemas de habitação: o do indigente. E o Pobre?, aquele que não precisa de ser levado em peso, mas não dispensa quem lhe dê a mão?

O Patrimônio, e o clima criado pela doutrina que ele fez, facilitou e ajuda outras iniciativas prestantíssimas como são a Auto-Construção, organizada e tão devotamente acompanhada por Padre Fonseca de Aguiar da Beira e essa outra auto-construção espontânea, iniciativa do Pobre que não tem casa mas arranjou uns palmos de terra bastantes para ela e pede «uma mãozinha» e encontra a Mãe Igreja que lha estende pela mão do seu Pároco. Quantos centos de famílias abrigadas na sua casa, feita com o seu suor e seu amor, casas modestas mas seguras e suficientes para boa higiene física e moral, como essas que damos em fotografia intercalada neste texto, erguidas em uma pobre aldeia duriense! Aí é uma fila delas magníficas. Enchi-me de admiração, ao vê-las. Perguntei como era possível, tendo dado nós apenas o telhado a ganhando aqueles pobres chefes de famílias menos de 20\$00 diários, a seco?! O Pároco respondeu-me, sem reparar na verdade que dizia: *É preciso a gente fazê-las primeiro no coração.*

E já agora, para documentar com vida, apesar-deste ir já tão longo, eu não resisto a publicar dois trechos de outros dois Párcos, por acaso os três da diocese de Lamego a falarem de *ressurreição*:

«Foi feita a V. Rev.cia uma exposição, lamentando o estado miserando em que vivem certas famílias nesta freguesia e a comprová-lo ia uma foto. Esta porém apenas mostrava o exterior, que já é suficiente para denunciar a miséria em que tal família habita. Tal casa, alberga uma família de 6 pessoas. Não estarei fora da verdade se disser que a sua superfície não ultrapassa 20 metros quadrados sem qualquer divisão.

Para remediar estas necessidades, aqui com nada se pode contar, porquanto o meio é pobre e à excepção de dois ou três que vivem desafogadamente, todos têm apenas o indispensável ao seu sustento. Fizeram-se já vários apelos de que nada resultou e ultimamente escreveu-se para a Fundação Gulbenkian que secamente respondeu não estar nos seus planos qualquer auxílio deste género.

Em face do exposto e agradecendo a atenção da carta de

V. Rev.cia, a única que nos inspirou algumas esperanças de auxílio, aguardamos uma resposta».

E mais esta:

«Eles» vêm perguntar se também lhes dou telha e... vou dizendo que sim. Já fizeram um bairro!

Eu é que estou a dever 5.389\$70 e já não levanto a cabeça tão depressa. Vieram mais dois: uma viúva que já tem as paredes perto do telhado para duas filhinas; uma para cada. Para esta são mais 2.400\$00 dentro de dias...

Descobri há dias a causa da incrível velocidade com que as obras sobem: «ele só dá telha durante o ano que corre». Disse que não.

Também estão a dividir as casas e separar os filhos dos animais. Eu vou dando madeiras ou tejolo.

Ainda em Julho me mandou 3.000\$, e já estou a lembrar mais necessidades!

Ao todo já se gastaram 72 contos em casinhas para gente pobre. Nem sei donde vieram. Pelo meu livro já dei telha a 18 casas novas de pobres que se entusiasmaram em fazer a suas».

Bendito seja Deus por todas as Suas criaturas. Sempre, e especialmente nesta hora aniversária, que os homens O bendigam pelo Patrimônio dos Pobres.

BELEM

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

A nota das presenças à Obra já há meses que não sai, mas nem por isso é lá muito longa, como vão ver... Eu sei! É a tragédia de Angola, são as férias e as poucas notícias que tenho dado! — tudo a contribuir para desviar de Belém a atenção dos nossos Amigos! Apesar de tudo, ainda não diminuiu a nossa confiança no Pai do Céu, nem faltou em Belém o «pão nosso de cada dia». Vivemos em permanente acção de graças!

Começamos pela contribuição mensal de 50\$, até Agosto, de Maria Cecília e Marido, de Braga — amigos da primeira hora que nunca nos esquecem. A seguir a devotada estudante do nosso Liceu, filha de Pai visienense e Mãe macaense, que nos bate à porta todos os meses, com uma nota de 50 e mais alguma coisa para as belenitas. Nota de 20 da Amiga Maria Luísa e o dobro da Rosarinho, pedindo que roguem ao Senhor por ela. Uma professora envia 50 para ajuda da compra das amêndoas da Páscoa.

De Vila Pery 100\$, como no ano anterior. De Gondola, a Mãe dos Angelos enviou 50 «que se destinam a comprar o que entender para o Pintainho». Mais 100 de Lourenço Marques, por visienense Amiga.

«Pedindo as orações das belenitas pelo seu lar, uma Mãe de 8 filhos, de Viseu, oferece 500\$ juntos com bastantes sacrifícios». 20 mais 20 da Rosarinho, pedindo oração por uma intenção particular. As belenitas rezam três vezes ao dia pelos seus benfeitores.

Volta novamente a representante do casal R. D., de Viseu, com nota de 50, a fazer-nos tomar parte nas suas festas de anos. Agora as notas de 20 mensais que sempre manda de Lisboa alguém que conserva anonimato. Rezaremos pelos seus, como pede. 100\$ e rebuçados «para as florinhas de Belém das florinhas da Imaculada», que nos fizeram uma visita com as suas Madres.

Nota de 1.000\$ dum Terceiro Franciscano de Águeda, por ocasião do aniversário natalício de sua Esposa. 500 duma velha Amiga que me veio aqui fazer uma surpresa, no que me deu muita alegria. Pela assinante n.º 15.595 de Coimbra, 50\$. De duas amigas do Porto, a costumada nota de vinte.

Do Dundo, Angola, 150\$ pedindo orações por todos os que lutam e sofrem naquela Província.

Senhora amiga visitou-nos e deixou 20. De Vila Moreira, uma amiga que pede a Deus as melhores bênçãos para Belém, envia 100. Agora 50 de uma Esposa aflita com a doença do Marido.

Do assinante n.º 11.119, de Lisboa, recebemos a seguinte carta:

«Encontrando-me em falta para com essa Obra, visto não lhe haver enviado no ano findo o donativo que lhe destinava, venho hoje desobrigar-me, pelo que lhe remeto inclusa a quantia

CONTRASTES...



Uma nódoa social...



...que o Patrimônio dos Pobres limpa!

Carta do BRASIL

Em minha frente e sob toda a atenção, encontra-se «A Voz dos Novos». A voz dos meus irmãos de longe, a cuja expressão e sentimento me associo neste momento com a maior saudade.

Parece que ao ler as notícias, me sinto atraído por uma forte emoção, tendo a sensação de estar bem pertinho de vocês. Neste momento, a distância parece-me pequena e, por isso, nada melhor e mais oportuno para também dirigir umas palavras duma voz, para outra que se encontra do outro lado do Atlântico.

A vida aqui no Rio, não é tão fácil como pensam. Vive-se trabalhando e luta-se para vencer, o que nem sempre acontece, pois, hoje em dia para se vencer, é indispensável uma boa preparação. Às vezes, o esforço próprio, decidido, pode conseguir muita coisa, porém, nunca o ple-

no exito, segredo que procuramos descortinar através de melhor aproveitamento intelectual.

Desde as mais simples ocupações, aos altos cargos, é necessário o conhecimento profundo duma actividade, para que o bom desempenho não só garanta a eficiência dos bons serviços, como também possibilite melhor entrosamento na sociedade.

Há pouco tempo, recebi uma carta do Snr. Padre Carlos, dizendo que tinha em vista a vinda de um rapaz. Escusado será dizer que essa notícia, veio alegrar-me muito. Estou certo, seja qual for o que venha, irá adorar as belezas naturais da cidade e muito mais ainda o incomparável clima tropical. Que venha sem medo e, quando aqui chegar, encontrará outro irmão que muito reconhece os bons ensinamentos que aí recebeu e que para mim têm constituído a melhor arma de combate para quem usar perseguir-me.

Visado pela

Comissão de Censura

Manuel Henriques (Hélio)

Cantinho DOS RAPAZES

Grande estorvo é o orgulho. Ele cega... Cega. E não cega, sómente, de agora em diante. Pior, cega sobre o passado, faz perder o conceito de Justiça, porventura alguma vez adquirido e torna impossível ver e compreender a evidência, tal como ao cego de nascença é impossível a noção de côr.

Não foi outra a causa que determinou o «Gatito» a uma resolução de morte: deixar todas as certezas com que o Senhor foi pródigo para ele nestes 17 anos de vida; trocá-los por não sei, nem ele sabe o quê—que o orgulho cegou-o sobre o passado, o presente e o futuro.

O «Gatito» tivera algumas faltas disciplinares na Escola Agrícola de Santo Tirso que vinha frequentando. Há dias apareceu-nos uma comunicação da Escola: «Por reincidência no desrespeito às fruteiras, o aluno F... é multado em 100\$00». Chamou-se. Que não tinha sido ele, que fora um colega que quebrara um ramo e lhe dera dos frutos caídos...

Esperámos que fosse possível passar pela Escola. Senhor Director explicou e sublinhou a reincidência. Que o chamara mais que uma vez no fim do período, pelo seu comportamento menos agradável...

Estávamos pois devedores de uma multa sofrida por culpas do «Gatito.» Seria moral pagá-la? E no entanto ela havia de ser paga! Pensámos na solução. Ele estava em férias. Ocupava-se por aí em trabalhos avulsos. Pois iria ocupar-se em ganhar com que satisfazer a sua dívida. Mestre Loureiro dava-lhe trabalho em obra que traz em uma freguesia vizinha... Far-lhe-ia o salário consoante o seu rendimento de trabalho. Quanto melhor produzisse, mais depressa ele ganharia a importância desejada.

Pois não quiz. Esta solução que nem pode em boa verdade chamar-se um castigo, mas prestação de Justiça — chamou-lhe ele uma «injustiça».

Se lhe temos sentenciado uma pena de rotina, (um repar de cabelos, umas semanas sem sair...) talvez tivesse aceite... O remédio que se lhe propôs, remédio dirigido a um homem que faltou, mas reconhece a falta e assume a responsabilidade das suas consequências—esse não o quiz ele, por «injusto»... E preferiu partir. Para onde? Para o quê?...

Nem eu sei, nem ele sabe, que os seus 17 anos inflamados de orgulho o cegaram sobre o presente, o passado e o futuro.

Para nós fica a dor duma sementeira prometedora e no entanto frustrada; de uma mão oferecida e rejeitada.

Custa ver o que toda a gente vê e ele não — cego por orgulho. Que ele não vê por ora, mas há-de ver, que a vida não lhe perdoará a ignorância e ensiná-lo-á!

A história é triste e velha como o homem. É sempre amargo no final o sabor dos frutos da Árvore da Ciência, do Bem e do Mal. É sempre dolorosa a perda de uma herança. E a dor redobra quando se entende o logro do Enganador que nos levou a trocá-la para sempre, por um prato de lentilhas que cedo se acabou. A história é triste e velha... Deus guarde o «Gatito».

de 300\$, relativa ao ano findo e ao que está em curso»...

Delicadeza de alma e amor à criança desprotegida é o que transpira a cada passo das muitas cartas semelhantes a esta que aqui vêm dar. Louvado Deus!

Agora outra Luísa com 40\$ «para fruta para as pequeninas» e que depois volta com mais 20 «para bombons».

Recebemos várias encomendas com roupas novas e usadas, lá

em fio, calçado e brinquedos. De Paço de Sousa vieram também muitas encomendas com roupas que ali foram entregues para Belém. Também da Casa do Gaiato de Setúbal recebemos um embrulho com blusas. De Maria Amélia um corte de tecido. Roupas para vestir duas belenitas — promessa da Mãe do assinante n.º 9271. Vários metros de fazenda de uma Mãe.

Inês — Belém — Viseu

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA — Por via do calor e do êxodo para as termas e praias e campo, o grosso da coluna operante em Lisboa e Porto diminuiu um nadita. Mas os enamorados da Campanha não descansam. Onde quer que se encontrem levantam o braço e conquistam gente fresca. Temos a prova na euforia da secção adiante. Por cartas e postais, letra conhecida, notamos lisboetas e tripeiros. Arautos impacientes do Famoso!

x x x

DO MINHO AO ALGARVE

— Aí vai a guarda avançada. Abre Vila Nova de Gaia e Abrantes e Presegueda. Mais Espanadeira (Coimbra), Aveiro e Paços de Brandão. Sintra, que aparece raras vezes, hoje segue espumante:

«É com imenso prazer que vos envio a direcção dum novo assinante para o nosso «Gaiato». Peço-lhes para lho enviarem o mais breve possível, porque ficou deseioso de ler o próximo, depois de ter lido o que lhe emprestei hoje».

Mais Rio Tinto, Granja do Ulmeiro, Santiago de Cacém, Lageosa do Dão, Tondela, Marinha Grande, S. João da Madeira, e Santarém:

«... hei-de conseguir mais assinaturas destes que dizem não acredito nos Padres. Conto com o Famoso para lhes abrir os olhos da alma. E Jesus ajudar-me-à a deitar fogo a esta lenha embebida no materialismo dos nossos dias. Só tenho pena é de mandar tanto entusiasmo, tantas palavras e tão poucas assinaturas, mas como diz o ditado — baguinho a baguinho enche a galinha o papinho.»

Trabalhar particularmente nesta lenha embebida do materialismo — eis uma santa cruzada! «O Gaiato» é, mesmo, dos melhores senão o melhor veículo para levar o Nome e, consequentemente, a Fé em Cristo a quem anda longe por na maioria dos casos não haver uma lucerna que alumiasse. Continui! Não perca tempo! O seu campo trazer-lhe-à muita incompreensão mas, certeza, muitíssima alegria pelo Bem que espalha na alma dos que não acreditam nos Padres. E, todavia, frente ao milagre da *Obra da Rua* vergar-se-ão, como multidões se têm vergado e hão-de vergar — como há dois mil anos.

Que interesse! Que dedicação! E como é possível? Como é possível esta invariável persistência? Só pelo Santíssimo Nome de Jesus. Por mais nada. Por mais ninguém.

x x x

ULTRAMAR — Agora, e ainda que sem euforia, não há quinzena sem presenças ultramarinas! Sentimos, por isso, grande alegria. E matamos saudades. Faz um ano que an-

dávamos por lá a bem da Nação. E vimos e apalpámos e sentimos, uma vez mais, o grande amor dos africanistas pela *Obra da Rua*.

ESTRANGEIRO — Nem só portugueses ou brasileiros saboreiam «O Gaiato». E ao número de assinantes estrangeiros, que dominam a língua de Camões, temos de juntar mais um francês, de Narbonne — Aude. Passou pela nossa aldeia. Inteirou-se devotadamente pela nossa vida. Falámos no *Desordeiro*. «Oui». E lá vai, semear Paz, através do mundo tão agitado!

Julio Mendes

ÁFRICA

N O Lobito esperava-nos um amigo que tem a sua parte nesta nossa viagem. Quantas e quantas cartas cheias de amor por Angola e de paixão pelo seu olvido da parte de quem devia conhecê-la e amá-la e fomentar o seu aproveitamento. Quantos e quantos convites: «Meta-se no avião e venha ver...» E eu fui e vi—e já aqui disse, uma e mais vezes, a surpresa do ver depois do imaginar, surpresa que justifica o sabor ensosso das teorias forjadas diante do mapa.

Esperava-nos ele e um sacerdote da Missão, e ambos foram os companheiros daquela tarde.

O Lobito é uma cidade muito linda. Eu já a conhecia de tanto ouvir falar a esposa de outro Amigo que Deus levou e foi o responsável pela larga colónia de assinantes que «O Gaiato» ali contava. Lembrei-o muito e especialmente no Altar, em uma das Missas celebradas naquela cidade por ele conquistada para a causa do Famoso.

Ainda assim não imaginava tão favoravelmente quanto a realidade é. É certo que a cidade tem crescido muito. Um ano nestas terras novas representa decénios de progresso nas terras do Velho Continente, há muito sobrepovoadas e exaustos os seus recursos. Não admira pois que a realidade tanto excedesse a imagem!

A baía é ampla e proporciona um porto seguro, o melhor e melhor apetrechado da costa ocidental da África. Termo de comunicações marítimas, aéreas e do Caminho de Ferro de Benguela, o seu movimento é intenso e, naturalmente, a zona comercial vai crescendo continuamente. Onde ontem era terreno alagadisso pelas marés altas, procede-se a aterros e rasgam-se avenidas, constroem-se prédios, incarakterísticos é certo, mas que conferem feição de boa urbe àquela jovem cidade. A mim só me fez pena que sendo tão restrita a área imediatamente aproveitável na zona do Porto, não se tenha construído a cidade residencial em terra firme, na encosta sobranceira à baía, lugar de maravilhosos panoramas. Lobito é a porta natural dos minérios do Catanga, de parte das Rodésias e dos já explorados mais dos ainda não, ao longo dos 1.350km que a linha férrea serve desde o mar à fronteira do Congo. Podem as políticas ir contra a natureza das coisas... mas o caminho é por ali.

Daí que o Lobito, de grande cidade que já é, prometa muito mais nos anos que se aproximam. Neste nosso mundo onde a lógica cai cada vez mais sob o domínio do prognóstico, veremos se a promessa de hoje se cumprirá.

Era sábado, fim da manhã, quando chegámos. Essa tarde falámos na Associação Comercial, por só termos segunda-feira para Benguela e domingo ser meu dia para palestras. Afinal, sábado também foi. Pouca gente. Muito menos do que eu ia à espera numa cidade onde contávamos tantos assinantes. Foram os que foram e esses de boa vontade.

Manhã seguinte, nas duas paróquias da cidade, fui acaçar os que não tinham aparecido na véspera.

O resto do tempo foi em visitas ao comércio maior indústria da terra, sobre colocações. Até agora foi um pró Caminho de Ferro de Benguela.

Ali encontrámos três dos nossos: o Adriano Castanheira e o «Coimbrita», ambos empregados na Casa Americana e o Tóniô, este das Colónias de S. Pedro de Alva, o primeiro que Pai Américo elegeu chefe da pequenina comunidade estagiária, assim inaugurando o regime de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

Foi um matar de saudades, a um jantar, a um serão e a um almoço.

Eram três horas da manhã. A «boleia» levou-me ao Porto. O dono do automóvel que me trouxe, ofereceu-me um café. «Eu também já fui soldado, e sei o que vocês passam». Entramos no café, que àquela hora abarrotava de gente. Depois de beber e pagar as duas chávenas, o Senhor saiu, e eu fiquei ali sentado, com a mala a meu lado. Àquela hora não ia acordar

Filhos de Pai incógnito

ninguém para me recolher. Como precisava de abrigo para não andar na rua, deixei-me ali estar à mesa daquele café, que já conhecia do tempo em que andava «por lá». O seu ambiente não me era desconhecido, embora as intenções de ali permanecer fossem

bem diferentes das de outro tempo.

Mãos apoiadas sobre a mesa, abrindo e fechando os olhos, eu vi toda a promiscuidade ali contida. Os frequentadores, não eram daqueles que vão ali para beber ou falar com um amigo.

A maior parte eram mulheres, daquelas que tu e eu conhecemos. Daquela lama que «nós» construímos e lançamos na rua, onde outros se sujam nela. Eu tenho a certeza, amigo leitor, que elas não vivem ali por prazer. Não foram para aquela vida com o intuito de a tomarem como profissão. E digo-te que também não foi sem vergonha que começaram aquele lodaçal de miséria. Antes, choraram lágrimas, e depois continuam a chorar. Eu tenho a certeza de que a frase de Pai Américo é verdadeira: «mais fraqueza do que vício, mais miséria do que crime».

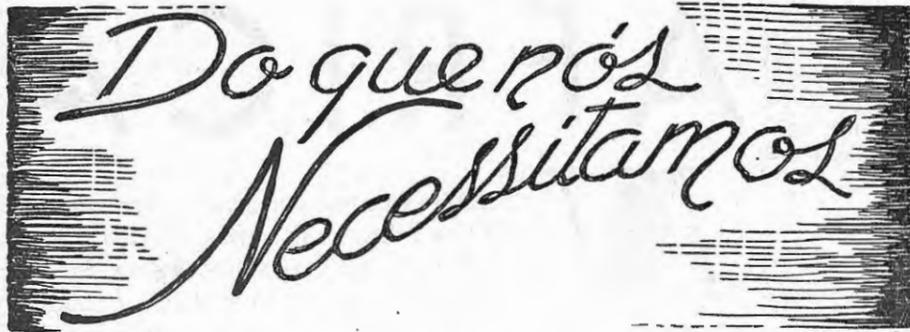
Eu sei que muitas vezes a mulher seduz, mas é pela fraqueza do homem que ela o faz. Ponham-se os homens com responsabilidade no seu lugar. Ponham-se as autoridades a trabalhar e a ver. Ensinemos aos estudantes a lerem na consciência. E veremos se há ou não mais ordem na moral destas mulheres.

Ora vêde: Àquela hora, entraram ali, duas rapariguitas, a acompanhadas por dois rapazes. Uns e outros, não tinham mais de 15 anos. Entraram, chegaram-se ao balcão, e compraram rebuçados. sempre a falarem e a rirem-se alto, saíram, depois de se sentarem uns minutos. Eu não sei o porquê deles andarem ali

àquela hora, nem se têm pais que os ensinam. O que sei é que eles, viram, ouviram, da miséria exposta naquele café nocturno.

Isto são factos que tu podes avaliar com os teus próprios olhos. Sai de casa a uma dessas horas mortas, e faz de conta que vais para o teu gabinete de trabalho. Vai pelas ruas fora, e verás com os teus próprios olhos isto, que é uma miséria. Mais miséria porque escandalosa. Sendo pública essa miséria, todos somos réus e objecto da ameaça. «Ai daquele por quem vier o escândalo!». Consenti-lo, podendo evitá-lo, é como se fôramos o próprio criminoso. Tu sabes tão bem como eu, o que vai por essas ruas abaixo em direcção ao Barredo: Miséria... e nela, misturadas crianças, que olham, veem, ouvem e aprendem. Crianças que crescem naquele meio, onde a Virtude é uma palavra morta. O que podemos exigir dessas crianças, quando forem homens ou mulheres? O bem? Como, se elas nasceram e cresceram no mal? Quem dera que os teus olhos e o teu coração acordassem para esta verdade: «É mais barato evitar crimes do que aturar criminosos». Senhoras e Senhores professores, vós podeis ajudar muito. Falai e insisti muito na Virtude contra a vaidade. Gostava que fosseis ver, porque daí talvez descobrisseis maneira de evitar muito mal.

Ernesto Pinto



Fui mandado escrever esta coluna, e aqui estou, obedecendo, com vontade de cumprir.

«Do que nós necessitamos», é um caudal de donativos diversos, de formas e feitios, e que a esta casa vêm dar. É a alegria dos que podem aos que precisam, já que todos somos irmãos em Cristo Jesus.

E vamos começar.

De E. D. M. a quota de Agosto. Vila Real de Santo António satisfazendo uma promessa com 20\$. E com o mesmo fim, 70\$, 20\$, 600\$ da Amadora, vale de 100\$ e de «uma esposa e mãe» de Tondela, 50\$.

Do Porto, «de um pecador», 20\$ referentes a Agosto. 100\$ para o Barredo de «uma velhinha pobre e doente mas muito pecadora», vindos de Arroios. E da Covilhã, uma peça de fazenda. Estava para apostar que Senhor Padre Carlos esfregou as mãos de contente, ao receber esta encomenda. É que para vestir perto de 200 rapazes, tem de haver com quê! E Nampula com 200\$.

«Em visita anual à Casa do Gaiato, depositamos em vossas mãos a quantia de 320\$ referente a aumentos de ordenados em 1961 e a dádiva costumada, agradecendo destinem parte dessa importância à Obra do Calvário. Uma Mãe e duas filhas».

Alguém envia 400\$ pela intenção da vitória da nossa querida Pátria, una e indivisível, para glória do Coração Imaculado de Maria. Mais 20\$, 50\$, 21\$, 100\$, 20\$, 1.000\$ da Beira, e mais e mais de promessas e graças recebidas. E muita alegria dos resultados excelentes obtidos em exames feitos há pouco.

Por duas vezes de «Uma amargurada», 50\$. Letra conhecida de Soure com 20\$. Da Beira, uma pulseira que foi achada, e que pessoa amiga nos confiou. O produto de contribuição de antigos condiscípulos da Escola Comercial de Oliveira Martins, em almoço de confraternização, 140\$. Por certo ficaram bem dispostos. E um vale de 400\$ do Porto, relativo ao aumento de ordenado do primeiro mês. De uma subscrição entre funcionários da Direcção Provincial dos Serviços de Administração Civil de Luanda, 527\$10. Da mesma

terra, 100\$. Em «O Comércio do Porto» 531\$40 e mais 50\$. O assinante 13138 com 300\$, e novamente 300 do assinante 4343, dos meses de Junho e Julho. Para todos, mas em especial aos Bracarenses, informo que a nossa festa no Teatro Circo rendeu 7.500\$00 com mais 2.111\$00 nas capas.

Embrulhos diversos, com diversas coisas no Espelho da Moda. E a quem pergunta, dizemos que sim. Tudo cá vem ter e tudo recebemos, embora por vezes não seja mencionado.

E o bom pessoal de tecelagem da Fábrica do Jacinto, que no 5.º aniversário do passamento do Pai Américo, abriu mais uma vez o seu mealheiro, e enviaram-nos 600\$. E de quem aparece mensalmente, para a viúva da Nota da Quinzena, para ajudar uma mãe a alimentar seu filho e para o Calvário, pedindo pelos meses de Julho e Agosto.

E alguém que prometeu uma importância no seu primeiro emprego. Esquecendo se o prometido fora de 100\$ ou 150\$, tirou as dúvidas com 200\$. De «Uma Mãe cheia de fé», 20\$ pela filha ter ficado bem no exame e conseguido emprego. Da assinante 20380 um vale de 200\$, em vez de os gastar num lanche pelas filhas terem ficado aprovadas no exame, lembrou-se dos nossos pobres.

Ao desfilar perante meus olhos pecadores, os apontamentos de vários donativos, alguns, pelas legendas que os acompanhavam, faziam-me estremecer. É que em tão pouco, diz-se tanto! Vejam:

«Por alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que ela tanto amava». Presenças de Julho e Agosto. E este cartão comovente: «Flores para um túmulo», 100\$.

Da Escola Feminina de Póvoa de S. Miguel (Alentejo), o carinho e a ternura de professoras e alunas com tostões e rebuçados. E a presença sempre amiga do Pessoal da Mohil com 52\$+52\$. E o Snr. Manuel, da Rua da Corticeira, com as quotas de Julho e Agosto, lastimando que tenha tido pouco trabalho.

Da Rua da Madalena, os 20\$ do costume. 1.000\$ do Porto. 120\$ de funcionário ou funcionária dos Serviços de Urbanização da C. M. P. Lisboa com 100\$, 50\$, e o «primeiro vencimento de meu filho», 150\$.

Viúva de África com 20\$. Vila do Conde com 50\$. Do Grupo Familiar «Amigos do Trevo» 67\$60. Dum empregado de escritório do Porto, 100\$.

«Uma cigareira», satisfazendo uma promessa com 50\$. De um médico amigo de Mirandela um caixote de medicamentos. E mais outro de Lisboa, que nos fazem um jeitão. Um grupo de 9 alunos de Tortosendo, pedindo ao Pai Américo boa sorte para os seus exames. De «um motorista de Monte dos Burgos, 100\$ com muito amor». E de novo Covilhã com um pneu e 10\$ de «um viajante».

De anónimos 120\$, 200\$, 20\$, e 300\$ de um aumento de ordenado. 100\$ de Oliveira de Azeiteis. Do Barreiro, 50\$ na passagem do 5.º aniversário do filho deste assinante. Que Deus o ilumine e que o preceito da Caridade esteja sempre presente.

E a presença já tão conhecida, pelo Famoso, da Avó de Moscavide. De uma promessa e de um mealheiro 330\$. De Loriga flanela e um chale do assinante 7804. Cá o esperamos mais vezes, como diz na sua carta. Por uma graça recebida, 100\$30, dinheiro ganho numa semana. Que perfumada deve ser esta flor chamada Caridade!

De uma avó, pelos resultados que suas netas obtiveram nos seus exames, 500\$. De alguém, para a Senhora Ana de Jesus, 20\$. E informamos que ela mora com a filha, não longe de onde morava. A sua vizinha do Património servirá de guia. Duas vezes 500\$, «por alma de meu Marido», da Rua Naulila.

E atenção. É o pessoal da Fábrica de Tabacos Portuense, com 2.200\$, produto da recolha dos mealheiros no 1.º semestre do ano corrente, e um angustioso gemido:

«Pena é Reverendíssimo Padre que a condenação que pesa sobre esta Fábrica, marcando-lhe uma data para o seu encerramento, não permita que muito tempo o seu pessoal possa contribuir, ainda que modestamente, como vem fazendo há bastantes anos, uma vez que encerrada esta unidade fabril é o desemprego certo, com as suas terríveis consequências para as centenas de pessoas que aqui ganham o seu pão».

E por hoje é tudo.

Manuel Pinto

Sentido de Peregrinação

Soubéramos por um diário do movimento «Juventude em marcha por Deus e pela Pátria» e porque vissemos, acima da razão de ser daquele movimento e do seu alto significado, o sublime sacrifício que ele representava para cada jovem, decidimos ingressar e fomos.

Cada um que tomava parte devia alistar-se e depois estar lá pelos seus próprios meios. O suor e as dores, o sacrifício em suma, eram o objectivo dos felizes intencionados. São assim os rasgos de generosidade da Juventude.

Para oferecermos à Mãe do Céu do que nos doesse, fomos de bicicleta. A água não fazia parte do nosso provimento. Para mitigar a língua ressequida esperávamos que a Providência nos proporcionasse uma fonte ou um copo de água por caridade.

Depois de meio percurso começámos a encontrar-nos com outros peregrinos. O pendão era a chama de fé. Todos iam por ela.

Rodados 80 quilómetros começámos a avistar-nos amiúde com multidões. O sol abrasava. E o povo bom avançava sempre sob aquele ardor. E lufadas de ar quente traziam-nos dos pinhais os cânticos piedosos daqueles que calcurreavam atalhos movidos pela mesma chama. O que pode ainda a fé e a piedade dos simples que anseiam a Paz e sabem a sua verdadeira fonte!

As promessas são o motor da nossa esperança e os «de boa vontade» acreditam.

Chegámos. Depois de nos integrarmos no movimento da

M. P. vimos a pouco e pouco assomarem e apinharem-se multidões.

O ambiente muda e a expectativa das horas sagradas revigora a nossa fé.

No acampamento tocava de quando em vez o clarim para a reunião da Juventude e, assim unida em transportes de alegria, tomava parte directa e activa nas cerimónias. Um testemunho de uma actividade positiva da Mocidade.

Bendita Pátria que tens no Altar do Mundo, velando e pedindo a Paz para ti, alguma da tua juventude!

À noite, naquela inundação de luz do «recinto» cada alma simboliza a sua fé numa vela em chama inquieta que dirigia ao Céu. A Virgem Mãe via assim a Seus pés a inquietação de todos os Seus filhos que a Ela recorrem pela vida da sua Pátria.

A paz emana dali. Quando, ô Mundo, saberás encontrar-lhe o caudal e os canais para todos os teus horizontes?

Só inebriado dela levarás àvante uma senda de progresso e bem estar numa sociedade bem edificada.

Temos ido muitas vezes a Fátima. Nunca sentimos tanto a grandeza da mensagem da Mãe do Céu. Mensagem de penitência e oração! Ai se o Mundo compreendesse! Ai se os Portugueses a aceitassem! Ai se a Juventude Portuguesa se unisse toda à volta deste Altar! Se cada homem fizesse alguma coisa pelo seu irmão, como seríamos todos felizes e Deus seria louvado e a Mãe do Céu honrada!

Carlos Alberto de Jesus

